

Introdução

A literatura é um meio privilegiado para a expressão das mais diversas culturas e identidades. Através da poesia, escritores de diferentes países e regiões podem dialogar e estabelecer conexões, tecendo uma paisagem literária que reflete a diversidade e a complexidade do mundo contemporâneo. Neste contexto, este trabalho propõe uma análise comparada dos poemas “O bairro da minha infância”, do escritor moçambicano Mia Couto, e “Meu Retrato”, do autor brasileiro Amarino Sales, investigando as conexões literárias e culturais entre as poéticas destes dois escritores.

A hipótese deste estudo é a de que o eu-lírico dos poemas tece, mapeia e dissemina uma paisagem rizomática das alteridades. Para explicar o que é paisagem literária, Michel Collot (2012) discute no artigo *Rumo a uma geografia literária que o termo* se refere a uma tentativa de vislumbrar a história literária, ou um de seus momentos, com o intuito de evidenciar as linhas de força do que, atualmente, denominaríamos campo literário. Dessa forma, à luz da citação mencionada, imergimos no diálogo com textos rizomáticos que se interconectam tal qual pequenas raízes, mantendo uma ligação íntima mesmo em ecossistemas distintos.

O espaço geográfico da Savana e da Amazônia presente nos textos de Couto e Sales possuem os elementos da natureza como água, terra, ar e tais elementos emergem nos poemas produzindo fricções e conexões com a identidade, a memória e o imaginário transfronteiriço. Para isso, utilizamos as perspectivas de estudiosos como Antonio Candido (1996), Silviano Santiago (2004), Carmem Figueiredo (2015), Ida Alves (2010), Leonardo Gandolfi (2010), João Paes Loureiro (2015), Garrard (2006) e Michel Collot (2012), a fim de articular uma análise crítica e comparada dos mapas das intertextualidades das paisagens ecológicas dos dois poemas.

¹Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Acre (2005) e graduação em Direito pela Universidade Federal do Acre (2016). Atualmente é secretário executivo da Universidade Federal do Acre e mestrando no programa de Ensino de Humanidades e Linguagens - Ppehl / UFAC.

Este trabalho visa contribuir para a compreensão da prática da intertextualidade, transculturalidade e supranacionalidade na literatura contemporânea, especialmente na poesia de Mia Couto e Amarino Sales. Através dessa análise, esperamos identificar e traduzir os mapas das paisagens poéticas destes autores, destacando o caráter anfíbio, híbrido e heterogêneo perspectivado em suas obras.

Análise do Poema “Meu Retrato”, de Amarino Sales

Poema Meu Retrato

Bateram à minha porta, era o carteiro entregando-me um envelope. Morrendo de curiosidade abri, deparei-me com um retrato meu, tirado sei lá, num passado que não se sabe quando, fez-me lembrar meus tempos de menino. Ao meio da curiosidade, notei logo ser ela muito pobre, de tamanho três por quatro, pálida, tão diferente tal ao que o destino me deu.

Revivendo, revivendo, notei que no verso uma dedicatória, não escrita por mim, sem destinatário, datada em um janeiro tão distante. Velho retrato da família, do tempo que todos me sorriam, os anos desgastaram a sua substância e fizeram de mim o que bem queriam.

Salpicaram de branco meus cabelos, me fizeram conhecer a realidade, que sem ouvir meus apelos, levaram toda a minha mocidade. Ah! Se estes cabelos brancos de hoje pudessem nos teus castanhos se envolver e entre olhares, carícias, juras que jamais ouvimos, veríamos que a vida é para os que estão vivos, o amor para os que estão mais próximos. (SALES, 1999, p. 56).

O poema "Meu Retrato" de Amarino Sales é uma jornada introspectiva na qual o eu-lírico confronta a inexorável passagem do tempo, evidenciada através da recepção de um retrato de sua juventude. Este poema, rico em metáforas e simbolismos, se constrói em uma tapeçaria de reflexões sobre identidade, envelhecimento, memória e transitoriedade.

O retrato atua como um espelho do passado, um portal que transporta o poeta para tempos de juventude e inocência, contrastando com sua realidade contemporânea marcada pela maturidade e vivências. Esta viagem temporal incita uma profunda reflexão sobre as transformações sofridas e os vestígios do passado que perduram no ser. Neste contexto, a representação do passado através do retrato e a percepção do presente são como raízes rizomáticas, pontos interligados que se expandem em diferentes direções do tempo, conforme postula Deleuze e Guattari (1980).

O poema, impregnado de linguagem plurissignificativa e metafórica, ressoa com a essência da transitoriedade da vida, enfatizando a importância de valorizar cada instante vivido. Antonio Candido (1995) discute a relação intrínseca entre literatura e vida social, ilustrando como o literário se torna uma reflexão do vivido e uma construção de significados

sociais. Nesta trama literária, Amarino Sales tece um diálogo com o cotidiano, ampliando e transcendendo o trivial através de uma rica tapeçaria semântica.

Por conseguinte, a suavidade da rima e a rítmica musical inseridas no poema servem como metáforas do tempo, marcando a continuidade da vida e seus ciclos. A multiplicidade de significados e a profundidade emocional se destacam na metáfora “salpicaram de branco meus cabelos”, que remete à ideia de envelhecimento, um lembrete poético da efemeridade da existência.

Amarino, ao utilizar elementos como o retrato — um objeto emblemático para a preservação de memórias —, estabelece uma ponte entre seu universo pessoal e o histórico-cultural amazônico. Este retrato, além de ser um registro visual, é também uma expressão da experiência e vivência do autor neste contexto regional, traduzindo sua relação com o espaço e o tempo.

Nesta narrativa poética, o eu-lírico e o eu-autor convergem e divergem, revelando paisagens internas e externas, traçando paralelos entre a individualidade e o coletivo. Amarino emprega a linguagem como um meio de traduzir sua experiência histórica e pessoal, explorando as multifacetadas relações entre texto, vida e literatura, delineando uma paisagem literária rica e rizomática.

Em síntese, "Meu Retrato", por Amarino Sales, tece uma intrincada rede de reflexões, sentimentos e significados, revelando não apenas a intimidade do eu-lírico, mas também contribuindo para a compreensão do impacto do tempo, da memória e do espaço na constituição do ser. É um poema que, em sua essência, reitera a importância do autoconhecimento, da valorização da vida e do resgate das raízes culturais e pessoais, ressoando com a universalidade da experiência humana.

Análise do Poema “O Bairro de Minha infância”, de Mia Couto

O Bairro de Minha infância

Não são as criaturas que morrem.
É o inverso:
só morrem as coisas.

As criaturas não morrem
porque a si mesmas se fazem.

E quem de si nasce
à eternidade se condena.

Uma poeira de túmulo
me sufoca o passado

sempre que visito o meu velho bairro.
A casa morreu
no lugar onde nasci:
a minha infância
não tem mais onde dormir.

Mas eis que,
de um qualquer pátio,
me chegam silvestres risos
de meninos brincando.

Riem e soletram
as mesmas folhas
com que já fui soberano
de castelos e quimeras.

Volto a tocar a parede fria
e sinto em mim o pulso
de quem para sempre vive.

A morte
é o impossível abraço da água.
(COUTO, 2016, p. 48)

O poema "O Bairro de Minha Infância", de Mia Couto, emerge como um reflexo lírico sobre a vida, a morte, e as transformações incitadas pela memória e pelo tempo. A linguagem adotada, ao mesmo tempo simples e evocativa, delineia um contraste entre a efemeridade do material e a persistência do vivente, do que possui essência e significado.

O poema inicia com uma provocante inversão da lógica habitual, onde são as coisas, e não as criaturas, que morrem. Esta desconstrução convida a reflexões sobre a inextinguibilidade da vida, mesmo diante da deterioração da matéria que a abriga, ecoando as reflexões de Michel Foucault sobre a relação entre palavras e coisas.

Ao revisitar o bairro de sua infância, o eu-lírico percebe a dissolução do passado material, mas também reconhece a contínua pulsação da vida, representada pelas risadas e jogos infantis. A metáfora da “poeira de túmulo” evidencia a tensão entre o passado e o presente, o morrer e o viver, compondo o lirismo do texto, onde, como Antonio Candido (1996) poderia corroborar, a metáfora atua como vetor de significados múltiplos.

Ainda, o poema propõe que a morte não é um fim, mas uma metamorfose, uma mutação da vida que não a aniquila. O eu-lírico, mesmo submerso em mudanças e transições temporais, mantém vivas as memórias e experiências de sua infância. Ele reconstrói o passado através do lirismo, revivendo sua essência e experiências em um espaço alterado pelo tempo.

Mia Couto tece uma meditação poética acerca da efemeridade e da perpetuidade, representadas respectivamente pela morte e pela vida. É o eu-lírico quem empreende esta meditação, refletindo sobre a transitoriedade da existência e a brevidade da vida. A

multiplicidade semântica na brevidade das palavras ressalta a profundidade do poema, assim como a importância da memória e da experiência na configuração do ser e do pertencimento. O eu-lírico adota um enraizamento na simplicidade, empregando imagens claras e linguagem evocativa para cristalizar emoções e significados, problematizando as dimensões poéticas da existência.

Em conclusão, o poema de Mia Couto, com sua leveza lírica e profundidade reflexiva, rememora a humanidade intrínseca à vida e à morte, explorando a dualidade entre transitoriedade e continuidade. A simplicidade, tanto na linguagem quanto nas imagens, não é apenas uma característica estilística, mas uma estratégia deliberada de construção poética, objetivando uma ressonância mais intensa com o leitor, um convite à reflexão sobre a essência humana e a inelutável passagem do tempo.

Este trabalho de Mia Couto é mais do que uma composição poética; é um diálogo metafísico com a existência, uma exploração das dimensões mais íntimas e universais da experiência humana, uma jornada lírica pela memória, pelo tempo, e pelo significado intrínseco à vida e à morte.

Tecendo mapas da paisagem nos poemas Meu Retrato, de Amarino Sales e O Bairro de Minha Infância, de Mia Couto

Após a análise literária dos poemas, será explorada a forma como as paisagens, autoridades das memórias e seus rizomas se manifestam nas obras. Inicialmente, elucidaremos alguns conceitos pertinentes, questionando: que tipos de paisagens são estas? Como os aspectos anfíbios, híbridos e rizomáticos permeiam os poemas?

Michel Collot, em seu texto “Rumo a uma Geografia Literária” (2012), propõe três eixos que redimensionam a forma como visualizamos a literatura, tornando-a mais acessível e potencialmente mais atrativa, desmistificando sua compreensão e incentivando o hábito da leitura. Para Collot (2012), o contexto não é um mero pano de fundo; ele interage e influencia intrinsecamente as obras.

Nos poemas analisados, percebemos uma conexão rizomática nas paisagens literárias. Os elementos da natureza presentes, seja nas florestas amazônicas ou nas savanas, são universais e transpõem os limites geográficos e textuais. Os imaginários criados por Sales e Couto permitem uma visão que vai além das palavras e dos locais, transportando o leitor para uma dimensão onde o texto e o mundo se entrelaçam reciprocamente.

Collot (2012) sustenta que a concepção dessas paisagens imaginárias, segundo Richard, não é dissociável da composição do texto. É um convite para perceber a paisagem literária não somente como uma representação de lugares ou um imaginário espacial, mas como uma configuração mútua entre o mundo e a obra.

Assim, essas paisagens literárias, ricas em elementos naturais e culturais distintos, convergem em um ponto de encontro rizomático, onde a diversidade e a singularidade coexistem. Elas ressoam os ecos de terras distantes e tempos diversos, proporcionando uma experiência de leitura que transcende a linearidade textual e espacial, refletindo a multiplicidade e a interconexão da vida e da arte.

Tomando por base afirmação anterior, observa-se que ela corrobora com o que foi escrito por Sales (1999), tendo em vista que o autor retratou algo do seu cotidiano que estava intimamente ligado ao seu passado e ainda em seu presente. Já Couto (2016) no título do texto estudado neste artigo nos remete ao mix de realidade e fantasia. O eu lírico transita entre o real e o imaginário ao trabalhar as palavras no texto quando escreve: “Não são as criaturas que morrem. É o inverso: só morrem as coisas” (COUTO, 2016, p. 48).

Ao ler os textos *Meu Retrato* e *O bairro de minha infância*, podemos interpretar que os limites postos pelas fronteiras geográficas não podem limitar as ligações literárias entre eles. Santiago (2004), na obra *O Cosmopolitismo do Pobre*, explica que a literatura pode servir como ponte para a liberdade intelectual das pessoas, permitindo que caminhem entre mundos reais e imaginários de forma anfíbia:

Por um lado, o trabalho literário buscar dramatizar objetivamente a necessidade do resgate dos miseráveis a fim de elevar a nossa condição de seres humanos (já não digo à condição de cidadãos) e, por outro lado, procura avançar – pela escolha para personagens da literatura de pessoas do círculo social dos autores – uma análise da burguesia econômica nos seus desacertos e injustiças seculares. Dessa dupla e antípoda tônica ideológica- de que os escritores não conseguem desvencilhar-se em virtude do papel que eles, como vimos, ainda ocupam na esfera pública da sociedade brasileira - advêm o caráter anfíbio da nossa produção artística (SANTIAGO, 2004, p. 66).

Os admiradores das palavras, ou seja, os leitores, precisam compreender para além dos textos que leem, e a literatura, sem dúvida, pode ser essa ponte, ou uma das pontes para o alargamento da compreensão de informações. Compreendemos que estudar os textos literários leva aquele que lê a compreender aquilo que está por trás da escrita. Inúmeros textos revelam possibilidades interpretativas que versam sobre políticas educacionais e ainda acesso à informação. Silviano Santiago (2004) nos revela o quanto de prejuízo uma nação pode ter quando este direito é cerceado de seus cidadãos:

Caso a educação não tivesse sido privilégio de poucos desde os tempos coloniais, talvez tivéssemos podido escrever de outra maneira o panorama da Literatura brasileira contemporânea. Talvez o legítimo não tivesse tido necessidade de buscar o espúrio para que este, por seu turno, se tornasse legítimo. Talvez pudéssemos nos ater apenas a dois princípios da estética: o livro de literatura existe ut delectet e ut moveat (para deleitar e comover). Pudéssemos nos ater a esses dois princípios, e deixar de lado um terceiro princípio: ut doceat (para ensinar). (Santiago, 2004, p. 72-73).

Em *Cultura Amazônica*, de João Loureiro (2016), o autor nos mostra o quanto a poesia, a articulação das palavras e as construções frasais nos levam a imaginar inúmeras realidades. Vê-se que cada leitor faz a sua própria interpretação, contudo o eixo central dos textos literários permanece como que os elementos da natureza, à espera do ourives literário para mudar de forma, mas não a essência. Por exemplo, em ambos os poemas se tem a presença da memória: Sales (1999, p. 56) diz em *Meu Retrato* “Salpicaram de branco meus cabelos, me fizeram conhecer a realidade, que sem ouvir meus apelos, levaram toda a minha mocidade” versando, através do eu-lírico, as suas lembranças.

Por outro lado, quando Couto (2016, p. 48) cita em *O Bairro de minha Infância* “Uma poeira de túmulo me sufoca o passado sempre que visito o meu velho bairro.” também relembra algo que estava em seu subconsciente. A intertextualidade é um dos elementos que permeia tanto o texto de Sales quando de Couto, ora estudados.

Percy Bysshe Shelley, em “Defesa da Poesia” (2002), explora o significado da poesia, argumentando que seus materiais fundamentais são a linguagem, a cor, a forma, e os hábitos civis e religiosos. Ele vislumbra o poema, em um sentido mais restrito, como uma composição de linguagem métrica, originária do cerne invisível da natureza humana, sempre acompanhada por prazer, mesmo em meio ao sofrimento. Shelley (2002) retrata o poeta como um rouxinol, cantando na noite para alegrar sua própria solidão com doces melodias.

A linguagem poética tem o poder de revelar o que está oculto, predisposto a ser descoberto. Desvela a beleza escondida do mundo, apresentando as entranhas da imaginação e dando vazão ao pensamento. O texto literário possui o potencial de tornar uma era mais memorável que outra, mediante a revelação e a transformação provocadas pela poesia.

Portanto, as obras analisadas demonstram a capacidade transcendental da poesia em conectar diferentes realidades, memórias e interpretações, mantendo intacta a essência dos elementos retratados. A intertextualidade e a revelação intrínsecas à linguagem poética são potentes ferramentas na manifestação da beleza oculta e na transformação da percepção do mundo, tornando momentos e épocas imortais através das palavras.

Considerações finais

Este trabalho objetivou apresentar os mapas da paisagem em obras de Mia Couto e Marino Sales, abrangendo desde as savanas até as florestas. A despeito do espaço limitado para exploração, o texto identificou elementos inerentes a ambos os ecossistemas, mostrando que, apesar de estarem separados por fronteiras geográficas, estão interligados pelos rizomas literários. A literatura e a poesia transcendem fronteiras, conectando territórios distintos através de suas tramas imateriais.

Ao percorrer os poemas, navegamos por águas literárias de ambientes distintos, mas paradoxalmente próximos, dada a conexão das memórias nos textos com os ambientes anfíbio e híbrido. Silviano Santiago oferece uma perspectiva perspicaz ao afirmar que, se a educação não tivesse sido privilégio de poucos desde os tempos coloniais, talvez nossa representação da literatura contemporânea fosse diferente.

Temos ainda um longo caminho a percorrer para alcançar a maturidade literária que nos permita plena liberdade intelectual. Silviano Santiago enfatiza essa realidade em sua obra "O Cosmopolitismo do Pobre", especialmente no capítulo "Uma Literatura Anfíbia". Ele argumenta que o trabalho literário deve, por um lado, objetivar o resgate dos marginalizados para elevá-los à condição de seres humanos e, por outro, buscar progresso: "Por um lado, o trabalho literário busca dramatizar objetivamente a necessidade do resgate dos miseráveis a fim de elevá-los à condição de seres humanos (já não digo a condição de cidadãos) e, por outro lado, procura avançar..." (SANTIAGO, 2004, p. 66).

Finalizamos deixando uma reflexão derivada deste estudo: a literatura, enquanto arte e manifestação do pensamento, é um meio poderoso de conexão entre diferentes realidades e experiências humanas, mesmo aquelas separadas por vastas distâncias geográficas e culturais. Desenvolver a maturidade literária e intelectual é crucial para explorar plenamente esse potencial de conexão e expressão, contribuindo para uma representação mais rica e diversificada da condição humana na literatura contemporânea.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH/USP, 1996.

COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária**. *Gragoatá*, 17(33), 2012.

COUTO, Mia. O bairro da minha infância. In: COUTO, Mia. **Poemas escolhidos**. Seleção do autor. Apresentação de José Castello. 1. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. Paisagem em três lições. In. ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2015.

GANDODOLFI, Leonardo. Geografia errante. In. ALVES, Ida Ferreira; FEITOSA, Marcia Manir Miguel. **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2010.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UNB, 2006.

LOUREIRO, João Jesus Paes. **Cultura Amazônica** – uma poética do imaginário. Belém: Cultural Brasil, 2015.

SALES, Amarino. **Carcaças**: poemas e causos. 2. ed. Cruzeiro do Sul: CDU, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2004.

SHELLEY, Percy Bysshe. **Uma Defesa da Poesia**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Editora Iluminuras LTDA, 2002.